

Professoras negras: trajetória escolar e identidade

*Nilma Lino Gomes**

A mulher negra professora se defronta com muitos conflitos para a construção de sua identidade e o estabelecimento de sua condição de mulher e profissional. Porém, nem sempre essa complexa realidade e todas as pressões às quais é submetida conseguem desfigurar a sua auto-imagem. Sua consciência avança.

Para compreender o peso da trajetória escolar dentro do processo de construção da identidade racial das professoras negras foi necessário dar-lhes vez e voz para que pudessem falar de si mesmas, de sua história, suas lutas, expectativas, decepções e conquistas. Esta foi a preocupação do trabalho de pesquisa, realizado em uma escola pública de 1º grau, nos anos de 1992-1993, e que foi tema da dissertação de mestrado apresentada em 1994 na Faculdade de Educação da UFMG. Investigamos, através de uma pesquisa de bases etnográficas, como o contexto escolar vivenciado por mulheres negras contribui para a reprodução do preconceito e da discriminação racial e de gênero, e de como estes fatores interferem na prática pedagógica dessas mulheres. Buscamos saber, também, se as relações estabelecidas em outros espaços sociais, como a família, o círculo de amigos e a militância política, exercem influência na constituição do “ser mulher e professora negra”.

A pesquisa nos possibilitou constatar que o cotidiano escolar se constrói em fronteiras além dos limites do trabalho com os conteúdos, do processo de avaliação, das normas disciplinares. O ambiente escolar é permeado pela diversidade cultural. A professora, enquanto sujeito, é portadora de valores que se

* Professora da Faculdade de Educação da UFMG. Membro do Núcleo de Estudos Educação, Cultura, e Sociedade e do Grupo Interdisciplinar de Estudos Afro-brasileiros da UFMG.

refletem na sua representação sobre “ser negro”, “ser branco”, “ser homem”, “ser mulher” na sociedade brasileira.

Teorias racistas, imaginário social e cotidiano escolar

A escola não é um campo neutro onde, após entrarmos, os conflitos sociais e raciais permanecem do lado de fora. A escola é um espaço sociocultural onde convivem os conflitos e as contradições. O racismo e a discriminação racial, que fazem parte da cultura e estrutura da sociedade brasileira, estão presentes nas relações entre educadores e educandos.

A pesquisa realizada nos mostrou que existe uma ideologia racial presente no cotidiano escolar. Ela pode ser observada em frases aparentemente inocentes e tão presentes no imaginário e nas práticas educativas da nossa escola, como por exemplo: “Este aluno é negro, *mas* é tão inteligente!”.

Essa mesma ideologia racial não é formulada e desenvolvida pelos professores e alunos unicamente no dia-a-dia da escola. Ela está presente no desenvolvimento da carreira docente, desde o curso do magistério, passando pelos centros de formação, pelo curso de pedagogia, até a licenciatura.

As teorias racistas presentes no cotidiano escolar e na sociedade não surgiram espontaneamente nem são meras transposições de pensamento externo. Elas sofrem um processo de retroalimentação e terminam por legitimar o racismo presente no imaginário social e na prática social e escolar.

Dentre essas teorias racistas, pudemos perceber na pesquisa de campo realizada durante este trabalho, entre outros pontos, a presença do discurso da incapacidade intelectual do negro, encontrado nas obras do médico Nina Rodrigues (1862-1906); da ideologia do branqueamento, defendida pelo advogado Oliveira Vianna (1883-1951); da primitividade da cultura negra discutida pelo médico Arthur Ramos (1903-1949); e da democracia racial, divulgada pelo sociólogo Gilberto Freire (1900-1987).

É fato notório que desde o final deste século o pensamento racista brasileiro vem sofrendo reelaborações, acompanhando os movimentos da sociedade. Porém, a escola e a cultura brasileira o incorporaram nas suas concepções e práticas. Estudos na área da sociologia e antropologia demonstram a influência destas teorias no pensamento brasileiro. É importante que os educadores reflitam, discutam e atentem para a influência dessas teorias em nosso pensamento educacional. A presença de tais conceitos ainda é tão forte que foi possível percebê-los nos depoimentos das professoras entrevistadas e no discurso da escola. As teorias nos apontam uma das representações distorcidas do “ser negro”

presente na sociedade brasileira. Representação esta que continua sendo uma característica marcante do discurso das professoras até os dias atuais.

Ser mulher e professora negra: um grande desafio

Ser mulher negra no Brasil representa um acúmulo de lutas, indignação, e, é claro, avanços, mas também um conflito constante entre a negação e a afirmação de nossas origens étnico-raciais. Representa ainda suportar diferentes tipos de discriminação. Ser mulher negra e professora apresenta-se como uma outra forma de ocupação do espaço público. Ocupar profissionalmente este espaço, que anteriormente era permitido só aos homens e aos brancos, significa muito mais que uma simples inserção profissional. É um rompimento com um dos vários estereótipos criados sobre o negro brasileiro, ou seja, de que ele não é intelectualmente capaz.

A trajetória das professoras negras reflete a trajetória de todas as mulheres negras. Uma história de luta, resistência, emoção e muita dor.

A discriminação racial no interior da escola nem sempre é expressa sob a forma de hostilidade e agressão explícita ao negro, mas está presente enquanto discurso (Gonçalves, 1987). Os depoimentos das professoras entrevistadas e a observação em campo realizada no desenvolvimento da pesquisa confirmaram esta afirmação.

A realização da pesquisa

Os sujeitos desta pesquisa foram dezessete (17) professoras. Foram selecionados nove (9) depoimentos para serem discutidos neste trabalho. No ano de sua realização, essas mulheres encontravam-se dentro da faixa etária dos 30 aos 50 anos de idade. Do total, somente três (3) eram solteiras.

Através dos depoimentos pôde-se perceber como tem sido construída a identidade racial e profissional das professoras negras, sua relação com o trabalho e com a questão racial. Neste processo complexo observamos a presença de um discurso que, em alguns momentos, se mostra pautado na teoria racista, e reproduzindo, também, os estereótipos que remetem ao papel da mulher negra em nossa sociedade. Esta complexidade vem confirmar a importância que a questão racial e de gênero assume na vida pessoal e profissional destas mulheres e o quanto se faz necessário discuti-la na escola. Também demonstra o quanto se faz necessário desmontar o discurso racista, introjetado por essas

mulheres, mostrando-lhes que os “deslizes racistas” presentes nas suas falas são reflexos do racismo em nossa sociedade e das adaptações teóricas por ele sofridas, a ponto desse racismo se fazer recorrente nas falas das próprias mulheres negras, sem que essas o percebam.

Assim, como em outros processos identitários, a identidade racial se constrói gradativamente, num processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente este processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. As lembranças referentes ao ambiente familiar e à presença ou não de situações de racismo, discriminação racial e preconceito foram abordadas na primeira temática discutida com as entrevistadas. Este foi o momento da entrevista em que as mulheres negras demonstraram maior emotividade. Todas se auto-identificaram como negras à medida que relembavam situações discriminatórias vividas ou pontuavam sobre a origem racial de sua família.

As relações estabelecidas com os amigos e os contatos com a vizinhança têm grande interferência na formação do sujeito negro. Este foi o segundo tema levantado durante a entrevista. Neste espaço aparecem os primeiros apelidos dados pelo grupo de colegas, as brigas, os pareceres dos pais, dos amigos e dos conhecidos. Se a violência racial presente em nossa sociedade já exerce influência na própria estrutura familiar dos negros, o que não aconteceria fora do círculo familiar? Outras vezes, o efeito destes primeiros contatos resulta, para a menina negra, no início de um longo processo de negação de si mesma e da sua pertinência racial, e como conseqüência, no envergonhar-se de seus próprios familiares.

O momento da entrada para a escola foi um outro tema escolhido. As expectativas em torno deste acontecimento são compartilhadas por todos, familiares, amigos e pela própria criança negra. Contudo, desde o início da trajetória escolar, a criança se depara com um determinado tipo de ausência que a acompanhará até o curso superior (isto é, para aquelas que conseguirem romper com a estrutura racista da sociedade e chegar até a universidade): a quase total inexistência de professoras e professores negros. A criança negra se depara com uma cultura baseada em padrões brancos. Não se encontram alusões a uma vivência negra nos livros didáticos, nos cartazes espalhados pela escola ou ainda na escolha dos temas e alunos para encenar números nas festinhas. Onde quer que seja, a referência da criança e da família feliz é branca. Os estereótipos com os quais ela teve contato no seu círculo de amizades e na vizinhança

são mais acentuados na escola, e são muito mais cruéis. A falta de um posicionamento claro e coerente do professor e da professora é um ponto marcante.

Enquanto professora, a mulher negra se vê reproduzindo discursos que ouviu quando criança na própria escola, no curso de magistério e também no de pedagogia. Em todos estes espaços não se discute sobre a diversidade étnico-cultural, as diferenças de gênero e nem se lança um olhar sobre a mulher que atua na educação, que vai além do papel de mãe, esposa ou tia.

Através desta pesquisa notamos que o recurso do silenciamento e do discurso da igualdade são os mais usados. Um novo círculo vicioso se perpetua. A então criança negra, agora professora, se vê diante de uma grande maioria de alunos negros com uma história muito próxima da sua. Porém, se na infância desta mulher, a não-existência de professoras negras poderia justificar a ausência da discussão da questão racial na prática escolar, nos dias atuais, apesar do número de profissionais negras na área educacional ter aumentado, isso ainda não tem revertido na inclusão da questão racial como uma discussão importante e necessária na escola.

Ainda como tema privilegiado nas entrevistas, abriu-se espaço para que as mulheres falassem sobre a sua inserção nos movimentos sociais. Somente uma havia atuado mais efetivamente em uma organização do Movimento Negro. Outras já ouviram falar, participaram de palestras, acham interessante, mas não discutem o tema ou participam de forma mais ativa. Esse tipo de distanciamento também acontece em outras práticas políticas, como a atuação no sindicato da própria categoria e nas discussões por ele desencadeadas.

A trajetória escolar das professoras negras

Embora a pesquisa não tivesse como objetivo a análise quantitativa da presença do negro na categoria profissional do magistério, as respostas das professoras entrevistadas confirmam a pouca presença de negros atuando na carreira educacional. Este dado é mais relevante nos depoimentos das professoras com mais de 40 anos, diferentemente das mulheres pertencentes à faixa etária mais jovem. Um fator que pode ter colaborado para a alteração deste quadro refere-se à ampliação do acesso à educação, que vem ocorrendo desde a segunda metade deste século, e que permitiu aos negros um maior acesso à escola. Porém, sabemos que um dos grandes problemas da educação brasileira é que, apesar do aumento no número de vagas e a obrigatoriedade dos oito anos de escolarização, esse percurso é interrompido pela seletividade de nosso sistema escolar e pela entrada prematura no trabalho – que resulta em reprovação e

evasão. Este processo é vivenciado pelos negros.

Segundo os depoimentos das professoras, nem sempre a presença do(a) professor(a) negro(a) foi uma referência positiva para a criança negra. Muitas vezes, a expectativa da então aluna negra era de que houvesse uma certa cumplicidade na sua relação com a professora negra ou de que esta se posicionasse positivamente quando se referisse à raça negra. Lamentavelmente, nem sempre a realidade correspondeu a essa expectativa.

Também foi pouco relatada a presença de colegas de sala negros(as). Para algumas, a presença de negros(as) só se fez marcante ao lembrarem a sua prática como professoras, trabalhando em escolas públicas de periferia.

As professoras entrevistadas não expressaram, de uma maneira explícita, uma reflexão histórico-política sobre o significado do que é ser professora na história da mulher negra brasileira. Entretanto, ao analisarmos os motivos da opção pelo magistério que os depoimentos trazem, pudemos verificar que a escola representa um processo de rompimento com um histórico de exclusão estabelecido por imposição. A chegada ao magistério para a jovem negra é a culminação de múltiplas rupturas e afirmações: a luta pela continuidade dos estudos – um fato que até hoje se coloca como um complicador na história das mulheres; a busca de uma profissão com uma formação escolar que lhe garanta um espaço no mercado de trabalho; a perspectiva de atuar em uma profissão que lhe possibilite um outro espaço de tempo para se dedicar a outro emprego ou que lhe permita conciliar as atividades domésticas.

A atuação na carreira do magistério, que se constitui em uma outra etapa do processo de socialização, acarreta para a professora negra mais uma carga de conflitos. Na sala de aula, a professora em geral é sempre uma referência para seus alunos brancos e negros. Como reagir diante de situações onde os alunos discriminam uns aos outros por causa da pertinência racial? Como reagir no momento em que a própria professora é o alvo do preconceito racial, através de comentários dos pais e colegas, da direção da escola e ainda da rejeição de um(a) aluno(a)?

O trabalho com a questão racial em sala de aula representa uma forma de se relacionar com os alunos pertencentes aos diferentes segmentos raciais, valorizando e respeitando suas particularidades culturais e compreendendo suas histórias de vida. Reconhecemos a dificuldade que representa essa nova forma de agir e o quanto é necessário a professora se permitir viver o difícil processo de reconstrução da identidade racial, visto que nós, negros, somos educados desde a infância para nos anularmos a fim de sermos aceitos pelo “outro”. Mas travestir-se nesse outro não é fácil e suas conseqüências são nefastas à constituição da identidade racial.

O trabalho com a questão racial na escola progredirá à medida que os negros aceitem o desafio de romper com a ideologia racista, passem em revista a sua própria história e redescubram os valores de sua cultura, para que possam intervir positivamente junto ao outro. É um processo doloroso. Nem todos conseguem vivenciá-lo e superá-lo, porém é imperativo que se realize um trabalho efetivo com a questão racial na escola. Também os professores brancos não se podem furtar a um posicionamento, pois também sofrem os efeitos do racismo. Como nos diz Fanon (1983), o branco não percebe que está aprisionado na sua brancura.

A habilidade e compreensão no trato com as diferenças de personalidade, identidade, gênero, raça e cultura é um componente do ser educador, profissional da formação humana, da socialização e constituição do saber. O trato não segregador e educativo da identidade e da cultura negra é uma competência político-pedagógica a ser exigida de todo educador e, sem dúvida, de toda instituição educativa.

As dificuldades na abordagem da questão racial em nossas escolas revelam o peso do imaginário e dos valores racistas em nossa sociedade. Revela ainda lacunas lamentáveis em nossa formação profissional: o despreparo profissional para lidar, como educadores, com sujeitos sócio-culturais diversos. O racismo presente em nossas práticas escolares revela-nos o quanto temos ainda de avançar como profissionais-educadores. É um problema político-profissional e como tal precisa ser encarado em nossa qualificação.

Concluindo

Falar em relações raciais e de gênero, discutir as lutas da comunidade negra e dar visibilidade aos sujeitos sociais não implica um trabalho a ser realizado esporadicamente. Implica uma nova postura profissional, uma nova visão das relações que perpassam o cotidiano escolar e a carreira docente, e ainda, o respeito e no reconhecimento da diversidade étnico-cultural. Representa a inclusão nos currículos e nas análises sobre a escola desses processos constituintes da dinâmica social, da nossa escola e da prática social.

O resultado deste trabalho e a análise sobre a realidade racial do Brasil nos mostram o quanto é contraditório que os cursos de formação de professores continuem lançando no mercado de trabalho profissionais pertencentes aos diversos segmentos étnico-raciais que não discutem e nem refletem sobre a diversidade étnico-cultural presente no processo escolar. É necessário que as pesquisas educacionais incorporem a centralidade da raça nos estudos sobre a

realidade social brasileira.

Os movimentos sociais e a luta da comunidade negra exigem da escola um posicionamento e a adoção de práticas pedagógicas que contribuam para a superação do racismo e da discriminação racial e de gênero. É preciso que se dê visibilidade às inúmeras práticas que o Movimento Negro já tem desenvolvido na educação. É necessário que os educadores compreendam que a luta pelo direito à igualdade social não apaga as diferenças étnico-raciais. E que o racismo não conseguiu apagar a dignidade dos sujeitos negros que em meio a este processo devastador continuam lutando pela preservação da sua identidade racial. É o que nos mostra a história das mulheres negras professoras que, com muita ousadia, continuam atuando na educação escolar.

Referências bibliográficas

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia, construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- FANON Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Fator, 1983.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- GEERTZ, Cliford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.
- GONÇALVES, Luiz Alberto de Oliveira. **Reflexões sobre a particularidade cultural na educação das crianças negras**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n.63, nov. 1987.
- MCLAREN, Peter. **Rituais na escola**. Petrópolis: Vozes: 1992.
- MUNANGA, Kabengele. Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades. **Revista Antropologia**. São Paulo, n.33, 1990.
- RAMOS, Arthur. **O negro na civilização brasileira**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil. 1956.
- RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Nacional, 1935.